



EDUCAÇÃO E UNIVERSALIZAÇÃO ÉTICO-POLÍTICA NO PENSAMENTO KANTIANO

Regina Coeli Barbosa Pereira

Professora Doutora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”, da UFJF
rcoeli@bol.com.br

Eduardo Vitor Miranda Carrão

Professor Doutor do Centro Universitário de Caratinga (FUNEC)
rosilene@powerline.com.br

Rosilene de Oliveira Pereira

Professora Doutora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”, da UFJF
rosilene@powerline.com.br

O problema fundamental da história que é o da descoberta e da realização de uma associação política fundada unicamente na liberdade, problema cuja resolução supõe o progresso geral da humanidade considerado na tríplice perspectiva da habilidade, prudência e moralidade, não se dissocia do problema da educação que é o problema da formação do homem. Kant associa a idéia de educação à política.

A educação é o único instrumento capaz de propiciar ao homem a formação necessária para a vida em sociedade para um agir moral, ético e político. A educação emerge da sociedade e está relacionada ao momento histórico, ao contexto social mais amplo. Durante toda a história Ocidental, até o final do século XVIII, a educação esteve voltada para a formação não apenas intelectual mas, sobretudo, para a formação moral e política do homem. A partir do século XIX, todavia, com o fortalecimento do capitalismo industrial e de um vertiginoso desenvolvimento tecnológico, exigindo uma força de trabalho cada vez mais técnica e especializada, a educação e sua ciência, a pedagogia, sofreram uma transformação notável: seu objetivo fundamental não é mais o de formar o indivíduo para um agir ético-político, mas transformá-lo em uma força de trabalho qualificada capaz de ampliar a produção e o capital. Pode-se mesmo dizer que a pedagogia moderna é a antítese da pedagogia dos gregos. Esta não se preocupava com a formação técnica de seus cidadãos mas queria torná-los capazes de exercer a cidadania e participar da ordem política da pólis. A partir do século XIX todavia, vemos uma inversão radical na educação: ela enfraquece o indivíduo enquanto força política e ética e o fortalece como força produtiva e técnica.

As mudanças profundas e cada vez mais aceleradas que vêm ocorrendo atualmente no mundo atingem não só a ciência mas a sociedade como um todo e a cada um particularmente. A ciência transformou seu estatuto epistemológico, dotado de verdade absoluta, incluindo nele a dúvida e a incerteza como componentes do pensamento científico, reconhecendo as inesgotáveis possibilidades do real. A ciência impulsionou a tecnologia que ganhou corpo, produziu a sociedade industrial e se transformou em instrumento de poder.

A chamada Terceira Revolução Industrial é fruto das profundas transformações ocorridas nos processos produtivos. Novas tecnologias, novas formas de organização e gestão da produção propiciaram a globalização do processo produtivo e do sistema financeiro e a formação dos grandes blocos econômicos. O processo de planetarização fez com que o mundo se expandisse e se transformasse em um pequeno mundo sem limites e barreiras. Distância e tempo ganharam nova dimensão com os avanços da comunicação, das novas tecnologias. As facilidades de comunicação e informação oriundas do desenvolvimento tecnológico têm sido expressas em mudanças irreversíveis nos comportamentos e hábitos das pessoas. Os fenômenos da comunicação têm provocado efeitos modeladores que se manifestam expressivamente na forma de ser dos indivíduos e no encaminhamento de questões éticas, morais, filosóficas, científicas, culturais e sociais que acontecem no mundo. Esta nova era tornou-se altamente diferenciada das demais. Para participar desse processo o homem precisa dominar a máquina, com ela interagir a fim de que possa conhecer, conquistar espaços, se fazer “presente”. As novas tecnologias se apresentam, portanto, como os mais poderosos instrumentos, ferramentas capazes de promover a integração entre indivíduos e povos. O homem está se tornando consciente de que a vida está mudando e que precisa construir uma nova identidade, ajustada ao ritmo e à capacidade de transformação da atualidade.

A “Atualidade” fez-se transformadora do sujeito. Instaurou novas formas de pensar, de agir e de se comunicar. Os meios eletrônicos e as tecnologias de comunicação transformaram as práticas sociais, criaram um novo universo unidimensional do qual não há como escapar. O desenvolvimento tecnológico permitiu a possibilidade de comunicação interativa com a imagem virtual através do computador, da máquina televisa. O homem e a máquina se tornaram indistinguíveis. A realidade se transformou em realidade virtual.

Independente do que o homem pensa sobre a mudança tecnológica ela afeta seu modo de ser no mundo, interferindo tanto na modelização das subjetividades como na interação do homem com a realidade concreta. Conforme Nicolas Negroponte (apud Vaz), “a informática não tem mais nada a ver com os computadores. Tem a ver com a vida das pessoas”.¹

A televisão é um exemplo de como as tecnologias contribuem de forma efetiva na transformação do sujeito e da sociedade. A TV está propondo e negociando as transformações de modo muitas vezes natural, misturando a realidade imediata com o vir-a-ser. Mas também, e com mais frequência, amparando-se em sistemas simbólicos atua de forma mística, singular. Conforme Rocha, “lá não entra a lógica do mundo aqui de fora, da ‘produção’ e da ‘fábrica’, da ‘história’ e da ‘economia’ com suas significações diversas”.² A “louca pedagogia da mídia”³ passou a ter preponderância superando os tradicionais estilos de educação, impondo ideologias, estilos de vida e novas formas de ser no mundo, reduzindo a experiência individual. As novas tecnologias deram origem a imperiosa fonte de demanda de novas formas culturais para atender às necessidades imediatas do convívio social e a emergência de novos valores e ocupações.

O homem de hoje não é o mesmo da modernidade. A própria sociedade passou a se caracterizar pelo grande volume e velocidade com que as informações são processadas e difundidas. Aquele que não dominar as novas tecnologias, o “analfabeto tecnológico” está sujeito a se marginalizar e cair no isolacionismo, isto é, permitir sua castração e morte social. Na verdade, o que mais importa é a capacidade das pessoas de acessarem as informações do que o esforço intelectual do acúmulo e do domínio do conhecimento.

¹ - VAZ, Globalização e Experiência no Tempo, p. 106.

² - ROCHA, Everardo. A Sociedade do Sonho, p. 32.

³ - ROCHA, *op. cit.*, p. 32.

Educado hoje é o indivíduo que sabe se comunicar, que sabe operar instrumentos, acessar informações e produzir novos conhecimentos. A seleção de informações e o como ligá-las adequadamente na busca do conhecimento e da resolução dos problemas é o cerne da questão.

A nova ordenação cultural, política e econômica do mundo vem influenciando diretamente nas relações tanto em seus aspectos interpessoais como nos da comunidade. Presenciamos na sociedade a ação dos homens pautada em base tecnológicas e científicas os distanciando mais e mais das virtudes da cidadania e dos princípios fundamentais da existência humana. A supremacia do vício sobre a virtude, do individual sobre o universal, do legal sobre o moral, do poder sobre a justiça demonstra como as metas de realização dos princípios universais da moralidade, do agir ético tornam-se comprometidos. A questão fundamental hoje é a racionalidade lógica e científica, com o predomínio do operacional, determinando e imprimindo ações que estabelecem uma ordem social desvirtuada e desumana. Daí poder dizer que o aumento da produtividade econômica reduziu o homem diante da máquina a que serve. O homem tornou-se o “Senhor Poderoso” da natureza ao mesmo tempo que comprometeu seu agir ético e político perdendo as qualidades que o humanizam.

O homem contemporâneo tem uma preocupação constante da qual precisa desvencilhar-se ininterruptamente: precisa correr atrás dos novos valores globalizantes para atender às novas exigências tecnológicas e econômicas. Consequentemente, precisa lutar para conquistar seu espaço no mundo. E nesta busca ele se isola, se “individualiza”, perde-se em seu agir moral. “Cada um se entrega a suas preferências subjetivas ocasionais, sem qualquer regra interior que lhe comande a ação, como é próprio dos momentos de

crise e perplexidade. E daí nasce a permissividade cada vez maior, em que tudo se equívale... caracterizada pelo desrespeito a valores e pessoas”.⁴

A fragmentação, o pluralismo e a autenticidade de outras vozes e de outros mundos com diferentes formas de pensar, faz com que o conhecimento possa ser codificado de todas as maneiras, algumas das quais mais acessíveis que outras. Enquanto anteriormente havia uma relação rígida e identificável entre o que era dito e o modo como estava sendo dito, o *desconstrucionismo* os vê separando-se e reunindo-se continuamente em novas combinações.

A personalidade, a motivação, o comportamento do homem é marcado pela colisão e superposição de diferentes mundos ontológicos, com fragmentos em perpétua mudança, sem permitir uma representação unificada. Daí a questão: Como se pode aspirar agir coerentemente, de forma universal diante do mundo?

Uma questão delicada desta situação é o fato de o conflito entre indivíduo e sociedade ter abandonado a esfera da moral e passado para o âmbito da velocidade da mudança social produzida pela tecnologia. A moralidade foi substituída pela plasticidade que torna-se dever. “Mude, modifique suas ações senão...”⁵

Esquece-se, no entanto que a ação do indivíduo pode trazer uma consequência arriscada global. Numa inversão do olhar do avaliador, os valores universais constituem-se hoje numa negação do outro para se dizer sim a si mesmo, insurgindo-se uma negatividade ética. Para Serres (apud Vaz) “O homem está brincando de ser Deus.”⁶

O indivíduo não pode se tornar “absoluto” e fazer de si fim supremo negando ao outro sua identidade, a possibilidade de Ser. É preciso que a educação garanta a realização

⁴ - BARROS, Razão e Racionalidade, p. 67.

⁵ - VAZ, *op. cit.*, p. 112.

⁶ - VAZ, *op. cit.*, p. 113.

dos indivíduos e as interações entre eles na sociedade para que a organização social possa acontecer de forma mais humana, mais harmoniosa. Só a educação pode promover o desenvolvimento humano, considerado como o “desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.”⁷ É neste quadro de alteridade, de convivência com o outro, de respeito mútuo que o homem deve se conduzir. Cabe à educação cuidar para que a idéia de unidade da espécie humana não apague a idéia de diversidade. O homem precisa ser educado para que considere os princípios universais da conduta humana ao mesmo tempo que aprenda a reagir diante da diversidade. A educação hoje não pode ser pensada no modelo da modernidade, pois não se pode executar um projeto de ação único para todos. Há uma unidade humana, mas também há uma diversidade humana.

O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo e a educação precisa conceber a unidade do múltiplo e a multiplicidade do uno, para que possa considerar o princípio unidade / diversidade em todas as esferas.

O ser humano não é só razão, mas é sobretudo um ser moral, social. Ele não é um sujeito a-histórico, atemporal. Sua relação com a realidade não se dá a partir de um ato de consciência subjetiva, mas pressupõe a inserção do indivíduo na sociedade de forma concreta, emitindo e recebendo dela influência. As múltiplas exigências impostas pela vida social impelem o homem a agir e reagir continuamente a todas elas. Por isso, a educação precisa considerar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. É preciso conceber a insustentável complexidade do mundo atual e considerar a um só

⁷ - MORIN, Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro, p. 55.

tempo a unidade e a diversidade da condição humana; a universalidade do pensar e do agir, as solicitações imediatistas da vida moderna.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. Trad. Wolfgang Leo

Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. Razão e Racionalidade: ensaios de filosofia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

DELEUZE, Gilles. A filosofia crítica de Kant. Trad. de Germiniano Franco. Lisboa: Edições 70, 1991.

EISLER, Rudolf. Kant – Lexikon. Édition établie et augmentée par Anne-Dominique Balmès et Pierre Osmo. Edições Gallimard, 1994.

KANT, Emmanuel. Reflêxions sur l'éducation. Paris: J. Vrin, 1980.

_____. Sobre a Pedagogia. Trad. de Francisco Cock Fontanella. 2 ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.

_____. Qu'est ce que s'orienter dans la pensée. Librairie Philosophique: J. Vrin, 1983.

_____. Education United States of America. University of Michigan Press. Ed. Ann Arbor Paperbacks, 1999.

MACEDO, Lino de. A educação moral. São Paulo: EDUSP, 1996.

MENEZES, Edmilson. Kant e a Idéia de Educação das Luzes. *EDUCAÇÃO E FILOSOFIA*. Vd. 14. N°s 27/28, jan/jun e jul/dez 2000.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. Trad. de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2 ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PUCHET, Enrique. A Pedagogia de Kant Revista VENEZOLANA de Filosofia. Universidad Simon Bolivar. Sociedad Venezolana de Filosofia, 1976.

ROCHA, Everaldo. A sociedade do Sonho: Comunicação, Cultura e Consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

VAZ, Paulo. Globalização e experiência no tempo in Signos plurais: mídia, arte e cotidiano na Globalização. PHILADELPHO, Menezes: São Paulo: Experimento, 1997.

